



Solares de Portugal

PRESERVALE

– INSTITUTO DE PRESERVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO
VALE DO PARAÍBA –

1. QUESTIONÁRIO
2. APRESENTAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO
3. DESCRIÇÃO DAS FAZENDAS ASSOCIADAS



Analisadas todas as informações recebidas, estamos em condições de estruturar o Referencial.

Gostaríamos de incluir as regras e regulamentos de cada Estado (piloto) para a prática do Turismo no Espaço Rural ou Turismo Rural. Por isso, pedimos que nos respondam ao seguinte questionário:

1 – Para a prática do TER quais são os requisitos mínimos:

Número máximo de quartos?

Nós trabalhamos com casas que têm número variado de quartos, Algumas propriedades (como o Hotel Fazenda do Arvoredo) chegam a 36 apartamentos, mas a maioria tem entre 8 e 16 apartamentos.

- Número de casas de banho?

Em geral, corresponde ao número de quartos, havendo também disponibilidade de banheiros nas áreas sociais e para o uso de visitantes.

- Infra-estruturas obrigatórias?

Quando a Fazenda oferece apenas a visitação, a infra-estrutura de apoio é simples, consistindo de banheiros e de sala de apoio para o serviço de lanche. Para as casas que hospedam, não existe obrigatoriedade, mas um padrão de higiene, conforto, boa ventilação e iluminação naturais, áreas sociais para uso coletivo, a presença de água (açude, piscina, lago, ribeirão, cachoeira), a opção de trilhas e de passeios na natureza.

- Refeições?

Não existe regra geral. Há casas que hospedam com todas as refeições incluídas na diária e outras que dão ao hóspede a opção de comerem fora, em outras fazendas ou restaurantes da região. O café da manhã é sempre obrigatório.

- Qual é a média de extensão de cada propriedade?

A extensão das propriedades varia muito. Há fazendas de 400 alqueires e outras de apenas 11 hectares.

2 – Qual é a Entidade ou Entidades que dão pareceres e que licenciam as unidades TER? A Secretaria de Estado? A Autarquia? A Entidade de Saúde? O SEBRAE? A ABRATURR? A EMBRATUR? Outras? Quais?

A maioria dos estabelecimentos não está sob qualquer regime de licenciamento. O SEBRAE oferece cursos sobre como administrar pousadas, mas nada específico do sector rural, ou do Turismo de Habitação, e não tem função de licenciamento.

3 – Existem regras, regulamentos ou directivas gerais emanadas pelo Governo Central para a implementação do TER em cada Estado? Ou é cada Estado que tem as suas regras e condições de classificação TER?

O Ministério do Turismo acabou de criar um Conselho Nacional do Turismo Rural, que vai estar actuando junto à Divisão de Políticas Públicas e de Planeamento, visando estabelecer os critérios norteadores do TER no Brasil. Da mesma forma, os Estados agora têm que organizar Conselhos Estaduais de Turismo, a partir dos quais as demandas serão encaminhadas ao Governo Federal. No Estado do Rio acabamos de fundar o COGETURA (Conselho Gestor do Turismo Rural e do Agroturismo, do qual o PRESERVALE faz parte), cuja primeira reunião será neste dia 19 de Agosto próximo.

Nacional do Turismo formado por 53 Conselheiros, onde a ABRATURR tem assento. No entanto a ABRATURR não tem representação das Associações do Turismo Rural do Nordeste (BA, PE, CE nem PB) nem das demais regiões brasileiras. Seus associados são apenas do estado de São Paulo. A Secretaria de Políticas do Turismo do Ministério do Turismo, estará através da gerência de Projectos de Segmentação Turística publicando um documento “Directrizes para o Turismo Rural no Brasil”, mas ainda longe de ser um regulamento para o TER..

Qual é a legislação TER? (anexar conteúdos)

Este processo está sendo iniciado agora, em nível federal e nos Estados, mas ainda não existe legislação consolidada.

4 – Existem apoios financeiros para converter alojamentos em TER?

Não

Se sim, quem são as Entidades envolvidas?

O Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal sempre participam de eventos de Turismo Rural anunciando financiamentos que acabam não se realizando na prática pela falta de uma política clara. Os programas internacionais de financiamentos para restauro de patrimônio (BIRD – Programa Monumento) são restritos às áreas de Centros Históricos de cidades tombadas.

5 – Das unidades que integram a vossa Associação qual é o tipo de licenciamento que têm? Estão classificadas como hotéis, albergarias, pousadas, alojamento privado ou estão classificadas em TER?

Apenas o Hotel Arvoredo é classificado como tal. Os demais são chamados de pousadas ou, simplesmente, Fazendas.

6 – Todas as vossas unidades associadas são explorações familiares?

Sim

Que outros tipos de gestão existem?(sociedades, etc)

Uma Fazenda é administrada por uma Sociedade Religiosa (Fazenda Sto. Antonio do Paiol).

7 – Quem é a Entidade Controladora de Qualidade e Bom Funcionamento das Unidades TER?

A entidade que tem definido o perfil da actividade do TER em casas históricas, no Vale do Paraíba é, indiscutivelmente, o PRESERVALE, embora não tenhamos exactamente o “controle”, por não sermos uma entidade de categoria empresarial.

8 – A vossa Associação tem regras específicas para controlo de qualidade e funcionamento das unidades TER?

Estamos estruturando um procedimento de “qualificação” das casas, em que os critérios possam ser exercidos e exigido o controle de qualidade. Actualmente, o que fazemos é manter um padrão de ordenamento dos procedimentos de visitação.

9 – Existe algum organismo responsável pela promoção e marketing destas unidades? A nível local? A nível regional? A nível estadual? Outros?

A nível regional temos o CONCICLO (Conselho De Turismo da Região do Ciclo do Café), além do PRESERVALE.

10 – Qual é o tipo de sinalização existente, quem regulamenta a sinalização das unidades TER?

A TURISRIO está implantando sinalização em alguns trechos do Estado. O Município de Rio das Flores já está inteiramente sinalizado, com a indicação das Fazendas Históricas.

11 – Na Europa das Tradições o número máximo de quartos é de dez, no entanto, dada a especificidade das *Fazendas do Brasil* pensamos que o número máximo deveria ser vinte quartos. Qual é a sua opinião?

Concordo. Acho que não vamos encontrar nenhum estabelecimento com mais de vinte quartos, a não ser o Arvoredo, que não pode ser tomado como modelo.

Para cada quarto deve haver uma casa de banho, ou no caso de se tratar de um chalé/apartamento deve haver uma casa de banho para o máximo de dois quartos. Qual é a sua opinião?

Aqui também esta é a regra geral.

12 – Qual é a situação real das unidades vossas associadas? (por favor acrescentar esta informação nos quadros que receberam na semana passada – pedimos também, se possível, para preencher um dossier do modelo enviado em anexo no email anterior – dossier de candidatura da TURIHAB – por cada unidade TER que irá integrar a Rede *Fazendas do Brasil*, desta forma completaríamos as informações gerais de cada unidade).

ESTAMOS AGUARDANDO INFORMAÇÕES DAS NOVAS PROPRIEDADES. EM BREVE ENVIAMOS.

13 – Para organizar a Rede das *Fazendas do Brasil* temos que criar especificidades muito concretas que se apliquem também a outros Estados. Incluir um texto com as atratividades que entendam ser referências comuns aos diferentes Estados, referências de identidade desse Estado na vertente do TER.

No Vale do Paraíba, as características comuns a todas as unidades ligadas ao PRESERVALE são: a recepção pelo proprietário, em casas históricas originais ou adaptadas, oferecendo um serviço personalizado e de qualidade, com gastronomia típica regional e, em alguns casos, culinária requintada de padrão internacional. Algumas das casas que fazem hospedagem oferecem, também, atractivos como cavalgadas, caminhadas ecológicas, banhos de cachoeira ou açude, roteiros de visitação por outras propriedades e eventos interpretativos (saraus, Jantar com Barões, Chá Imperial, etc.) Outras dispõem de piscina, sauna e sala de musculação.

14 - No Rio de Janeiro/ Minas Gerais/Ceará quando foi classificada a primeira unidade TER?

Começamos em 1994 com 5 Fazendas abertas à visitação e duas que já faziam hospedagem.

15 - E a AMETUR/ACETER/PRESERVALE em que data foi criada?

Em 1994

16 - Quais os objectivos gerais da Associação?

Promover a preservação do património histórico, cultural e ambiental da Região do Vale do Paraíba, promovendo o desenvolvimento através do Turismo Sustentável, da pesquisa e difusão do conhecimento.

17 – No Estado do Minas Gerais/Ceará/ Rio de Janeiro existem outras associações no âmbito do TER com os mesmos objectivos?

COGETURA, CONCICLO E ARTUR (Associação de Turismo de Rio das Flores)

18 – A Associação tem algum escritório de atendimento ao público?

Actualmente estamos com um escritório em Conservatória mas, por falta de pessoal, está desactivado

19 - Que tipo de informações presta?

Nosso canal de comunicação actualmente é o website (www.preservale.com.br)

20 – A Associação integra a ABRATUR?

Ainda não. Integramos o COGETURA, entidade Estadual recém-criada

Quais as vantagens em pertencer? Quais as desvantagens?

Participar da elaboração de diretrizes e da formulação de políticas públicas para o setor, compartilhando a experiência de um “caso de sucesso”.

21 – Como circula a informação pelos associados? Promovem reuniões?

Sim

Fazem circulares por correio?

Sim

Visitam as Fazendas? Outros meios utilizados?

Sim

22 – Existem algumas orientações dos preços a praticar nas Casas/Fazendas TER?

Não

23 – Seria viável a integração das unidades TER em categorias de preços?

Sim, estamos organizando uma reunião com os proprietários com esta finalidade

24 – Em média quais são os preços praticados no Estado?

Os preços variam bastante, de U\$35 a U\$120.

25 – Existem diferentes épocas?

As propriedades praticam preços ainda de modo isolado, conforme a demanda.



PRESERVALE

DIRECTORA. SÔNIA MATTOS LUCAS

SEDE: AV. GRAÇA ARANHA,
416 – GR.708

20030 – 001 RIO DE JANEIRO

TEL: + 55 24 4435159

FAX: + 55 24 4435005

EMAIL:

PRESER@PRESERVALE.COM.BR

WWW.PRESERVALE.COM.BR

Apresentação da Associação

Fonte: PRESERVALE

O Instituto PRESERVALE nasceu, em 1994, da necessidade de preservação deste fantástico património histórico, arquitectónico, cultural e ambiental da região do Ciclo do Café, representado pelas Fazendas Históricas do século XIX no Vale do Paraíba Fluminense. O binómio Preservação e Desenvolvimento, aplicado às características presentes em toda a região do Médio Paraíba, tornou-se o ponto de partida para as acções do INSTITUTO PRESERVALE, conjugando Património Histórico e Ambiental para promover o desenvolvimento sustentável através do Turismo no Espaço Rural. A iniciativa partiu de proprietários e estudiosos de tais patrimónios, preocupados não apenas com os aspectos propriamente culturais ou conceituais mas, sobretudo, com as dificuldades físicas de manutenção, recuperação, pesquisa e interpretação de tais patrimónios, enfrentadas de modo às vezes heróico por indivíduos totalmente desamparados por quaisquer recursos, apoios, programas ou iniciativas oriundas das diversas esferas da administração pública. Às dificuldades individuais dos proprietários, somava-se a situação de insolvência da economia rural regional, de esgotamento dos recursos naturais e da progressiva perda de identidade cultural das populações locais, alienadas de sua origem e de suas tradições.

Com a fundação do PRESERVALE, a sociedade civil passou a contar com um instrumento de articulação institucional dos segmentos envolvidos com a questão da preservação de seus patrimónios, o que permitiu o encaminhamento de propostas, acções e iniciativas que visam a utilização destes patrimónios pelo Turismo Cultural, como forma de garantir a sua sustentabilidade e permanência para as gerações futuras. O fato de que proprietários abriam pessoalmente suas casas históricas à visitação turística, levou diversos veículos de comunicação nacionais e estrangeiros a divulgar a região e os roteiros possíveis, e o PRESERVALE passou a promover estes roteiros também em feiras eventos do trade turístico, atraindo agências e operadoras para levarem grupos ao Vale.

O PRESERVALE é uma organização do Terceiro Sector, não um órgão governamental ou uma empresa privada. Com este perfil, vimos acompanhando o renascimento cultural do Vale desde o início de sua gestação e, mais do que simples observadores, somos dinâmicos impulsionadores deste processo, de braços dados com os Municípios, os agentes culturais das comunidades e empresas da região. Tendo sido criado pelos membros das diversas comunidades do Vale como resposta a uma necessidade comum de articulação regional, o Instituto vem actuando em vários níveis e através de parcerias estratégicas com os diversos actores sociais da região, desenvolvendo projectos visando também a qualificação dos recursos culturais das comunidades e de sua capacidade de organização. O Vale vem tomando consciência de sua importância estratégica enquanto Destino

Histórico

Turístico em virtude de seu legado cultural e natural, aprendendo com o passado e compartilhando, em seu presente, uma proposta comum de desenvolvimento.

Nos anos 90, algumas Fazendas em Valença, Rio das Flores, Barra do Piraí e Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro, deram início ao processo de abertura ao turismo, primeiramente através de eventos culturais ou ecológicos – grupos isolados que buscavam uma experiência interessante. Eram caminhadas, cavalgadas, apresentações de capoeira e de cultura negra, ou mesmo a visitação orientada e interpretada pelos proprietários, para grupos de visitantes e turistas que vinham conhecer a propriedade em seus aspectos naturais, culturais e históricos. Eventualmente, estes grupos faziam almoços e lanches durante a visitação às Fazendas, hospedando-se nos hotéis tradicionais da região.

Com o processo natural de sucessão das propriedades rurais, associado à busca de alternativas económicas para a sua manutenção, algumas famílias decidiram investir neste uso inovador da propriedade rural, que compreendia também a hotelaria, além da visitação às casas, tulhas, capelas e senzalas. O produto turístico teve tanto resultado de mídia e de aumento de demanda, que as cidades da região, e não apenas os Fazendeiros, começaram a perceber no Turismo uma nova vocação regional.

O PRESERVALE foi visitar, nos anos 90, as prefeituras municipais da região, a Turisrio, o SEBRAE, a Embratur, a Secretaria Estadual de Cultura, o INEPAC, o IPHAN, assim como instituições internacionais (The Getty Center, National Trust for Historic Preservation, UCLA), consulados e representantes de inúmeras agências de viagem nacionais e estrangeiras, divulgando as Fazendas Históricas, conscientizando a respeito da importância destes patrimónios, chamando a atenção para os roteiros disponíveis, fornecendo nomes, endereços, telefones e direcções para que esta pioneira proposta de Turismo Rural no Estado do Rio fosse conhecido, desenvolvido e desfrutado.

As Secretarias Municipais de Turismo, que na década de 90 eram praticamente inexistentes ou inoperantes em diversos municípios da região, já hoje apresentam programas comprometidos com o produto “Fazendas Históricas”, um resultado da sinergia criada com o início do reconhecimento do fluxo turístico por parte do poder público local. A criação dos Conselhos Municipais de Turismo, resultado directo da aplicação de módulos do PNMT na região, já comprova que os passos iniciais estão em marcha. O CONCILO – Conselho de Turismo da Região do Ciclo do Café – é mais uma organização regional voltada para a promoção dos potenciais turísticos de dez municípios (Piraí, Barra do Piraí, Vassouras, Valença, Rio das Flores, Miguel Pereira, Mendes, Paulo de Frontin, Paty do Alferes e

Fonte: PRESERVALE

Paracambi). As cidades começam a criar suas associações de cultura e turismo (Valença – AVATUR; Vassouras – Janelas Abertas; Rio das Flores – Artur (Associação de Turismo de Rio das Flores), visando dar representação jurídica às aspirações de empresários e actores sociais locais. Acções locais, de parte de moradores e grupos comunitários de defesa e revitalização do Património para o Turismo são, também, muito mais comuns na região porque o PRESERVALE lhes dá apoio institucional, voz e legitimidade, não estando vinculado a interesses políticos ou económicos de qualquer espécie.

Cooperação Internacional

Em 2000 o Instituto PRESERVALE firmou um convénio de cooperação bilateral com a TURIHAB – Turismo de Habitação de Portugal – para a promoção de nosso produto junto ao mercado europeu. O projecto, intitulado “Europa das Tradições – uma visão transatlântica” vem ajudando a difundir padrões técnicos de qualificação dos produtos de Turismo Rural em áreas históricas, através de encontros e seminários, como os realizados em Barra do Piraí em 2000 (I Encontro de Turismo de Património no Espaço Rural – Maio/00, Pousada Fazenda Ponte Alta) e 2002 (II Encontro de Turismo Cultural no Espaço Rural – Junho / 02, Hotel Fazenda do Arvoredo), abertos às comunidades, empresários, hoteleiros, fazendeiros e entidades do Vale do Paraíba envolvidos com a preservação cultural e ambiental, bem como com o turismo. Estes encontros foram realizados com recursos próprios e beneficiaram a região com informação de ponta, contactos institucionais e com operadoras do trade.

Fomos a Portugal por duas vezes (Janeiro de 2000 e Maio de 2002), com recursos próprios, para participação em feiras do Trade turístico internacional (Bolsa de Turismo de Lisboa) e para a assinatura dos protocolos institucionais, sendo que, no documento assinado em 2002, o PRESERVALE consta, como representante brasileiro de outras duas associações (AMETUR – Associação Mineira de Empresários do Turismo Rural e a ACETER – Associação Cearense de Turismo no Espaço Rural), de um conjunto de oito países - membros do programa Aldeia das Tradições, voltado para o desenvolvimento de hospedagem em casas históricas localizadas em vilarejos e pequenos distritos, característicos de uma região e cultura rurais. Os países parceiros são: Grã-Bretanha, Irlanda, França, Espanha, Portugal, Itália e Eslovénia. Este projecto conta com os recursos do Programa LEADER + através do qual a União Europeia financia estratégias de desenvolvimento do meio rural em diversos países e regiões.

Fonte: PRESERVALE

Entidades Oficiais do Turismo

- Ministro do Turismo do Brasil: SR. WALFRIDO MARES GUIAS
- Secretário de Estado do Turismo do Rio de Janeiro - SR. TITO RYFF : SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E TURISMO
- - Secretário de Estado do Planeamento do Rio de Janeiro - SR. TITO RYFF
- - Presidente da EMBRATUR ou organismo que no novo Governo a substituiu - EMBRATUR: SR. EDUARDO SANOWICS
- - Nome da entidade estadual coordenadora do Turismo: TURISRIO - PRESIDENTE: SR. SÉRGIO RICARDO DE ALMEIDA
- - Representante do SEBRAE - DRA. CELINA VARGAS DO AMARAL PEIXOTO(DIRETORA) / ANA CLÁUDIA VIEIRA: GERENTE DE TURISMO

Fonte: PRESERVALE



DESCRIÇÃO DAS FAZENDAS ASSOCIADAS DO PRESERVALE

HOTEL FAZENDA DO ARVOREDO

Antiga Fazenda Santa Maria

HOTEL FAZENDA ARVOREDO



O Fazenda do Arvoredo localiza-se na antiga Fazenda Santa Maria, em Barra do Pirai, no Vale do Paraíba Fluminense. No século XVIII, esta região começa a ser desbravada e colonizada como o caminho para as Minas Gerais, tornando-se local de apoio da Corte para as Minas e vice-versa. Com o solo fértil, o clima ameno e a mão de obra escrava, a cultura do café obtém enorme sucesso. Transforma esses fazendeiros em empresários rurais, possuidores de grande fortuna e poder junto ao imperador, que os agracia com títulos nobiliárquicos, o que os torna conhecidos como os famosos barões do café. Com o enriquecimento dos Fazendeiros, estas unidades de produção se sofisticam. Construem-se casas senhoriais, as casas grandes, o abrigo dos escravos, as senzalas, os depósitos do café, as tulhas, dispostos em torno do pátio de secagem do café, formando assim o quadrilátero funcional.

A Fazenda Santa Maria mantém as características de uma autêntica fazenda do ciclo do café. O andar superior da casa grande, moradia dos barões, divide-se em três áreas distintas: área comercial, área social e área íntima, tendo ao centro o átrium, onde circulava o ar para manter uma boa aclimatação da casa. Na cozinha, encontra-se ainda o antigo fogão à lenha, datado do século XIX, em pleno e total funcionamento, responsável por um dos destaques do hotel que é a culinária regional.

Em 1808, o Príncipe Regente Dom João doou a José Luiz Gomes, Barão de Mambucaba, extensas terras com o objectivo de nelas plantar café, dando origem à Fazenda Santa Maria. Em 1836, Honório Hermeto Carneiro Leão, assume a fazenda. Seu filho, Nicolau Neto Carneiro Leão, herda a propriedade e recebe o título de Barão de Santa Maria, em homenagem à própria fazenda. Manda construir outra sede, maior e mais luxuosa, concluída em 1858. Em 1903, a fazenda é adquirida pelo Conde João Leopoldo Modesto Leal, juntamente com outras 30, dentre as quais a Fazenda Ponte Alta.

Em 1982, a antiga Santa Maria é recebida como herança pelos irmãos Ana e Augusto Pascoli, que a transformam em Hotel Fazenda em 1992, iniciando assim, um novo ciclo: o do turismo. Ana Heloísa, prematuramente falecida em Maio de 2001, foi, junto com

TURIHAB – *Solares de Portugal*

Praça da República – 4990-062 Ponte de Lima – PORTUGAL

Tel. +351 258741672 / 258742827 Fax. +351 258931320 / 258741444; Email: info@turihab.pt;

http://www.solaresdeportugal.pt / http://www.europe-traditions.org

seu irmão, Augusto Eduardo, Sócia Fundadora do Instituto PRESERVALE, promovendo e apoiando o Turismo Cultural e Ecológico, não apenas como empresários do sector, mas com a sua actuação e dedicação pessoal à memória do Vale e de sua história.

No Hotel Fazenda do Arvoredo, o visitante poderá desfrutar de um circuito pela sede, aprendendo sobre mobiliário, arte e arquitectura do século XIX com o próprio Barão de Santa Maria e sua esposa, interpretados por funcionários do Hotel trajados a carácter. Após o circuito, o turista é convidado para um Chá Imperial, no qual degustará todas as iguarias típicas da culinária do século XIX.

FAZENDA PONTE ALTA

Pousada Fazenda Ponte Alta



A Fazenda Ponte Alta teve como primeiro proprietário José Luiz Gomes, o Barão de Mambucaba, então grande sesmeiro em Angra dos Reis. Em 1808, o Barão requereu sesmarias nesta região. Construiu a Fazenda Ponte Alta por volta de 1830, quando começaram a surgir as primeiras fortunas geradas pelo café no Vale do Paraíba. Com a morte do Barão de Mambucaba, em 1855, sua filha, Rosa Luiza Gomes herdou a Ponte Alta. Esta por sua vez casou com António Gonçalves de Moraes, o "Capitão Mata Gente", filho do Barão de Piraí, grande proprietário de terras no outro lado do Rio Piraí. Em 1936, a Ponte Alta foi herdada por Dona Isabel Modesto Leal, neta primogénita do Conde Modesto Leal, abastado negociante português, que a adquiriu em 1903 juntamente com outras 30 propriedades, em uma carteira hipotecária do Banco de Crédito Real do Brasil. Dona Isa (como ficou conhecida) era amiga pessoal do então Presidente Getúlio Vargas, que costumava visitar a Fazenda, tendo passado seus últimos cinco aniversários na Ponte Alta. D. Isa construiu a actual sede de pedra no lugar da antiga vivenda da Fazenda. O que se vê hoje, desta antiga "Empresa Agrícola do Café", é à parte do conjunto de serviço das antigas instalações do café, incluindo o engenho de café, o engenho de serra, a senzala, as tulhas e as oficinas, que formavam um quadrado fechado. Por tudo isso, é, na região, o mais representativo conjunto de serviço da época do café.

Em 1960, a Fazenda Ponte Alta foi comprada por Nellie Pascoli, empresária do sector de mineração, co-fundadora do Grupo CAEMI. Dona Nellie era apreciadora da arte brasileira e, em especial, da fase histórica do Brasil Colónia e Império. Assim, em 1972 ela recupera o antigo moinho de café da fazenda, num projecto arquitectónico de Jorge de Souza Hüe, utilizando mobiliário e peças dos séculos XVIII e XIX.

Em 1982, a senhora Nellie Pascoli morre e deixa a Fazenda Ponte Alta como herança para seus sobrinhos, Evelyn e Ricardo Pascoli. Evelyn Pascoli, falecida em Janeiro de

2003, foi a grande pioneira do Turismo Cultural no Vale do Paraíba, tendo criado o Sarau Histórico, aonde a história da Fazenda, como parte do contexto geral da história do Vale e do Brasil, é narrada teatralmente, permitindo ao turista um mergulho no passado e uma redescoberta do presente. Directora Executiva do Instituto PRESERVALE por quatro anos, Secretária de Turismo de Barra do Piraí, empresária de sucesso e personalidade carismática, cativante e alegre, Evelyn Pascoli impulsionou tremendamente o Turismo na região. Hoje a Fazenda Ponte Alta tem como actividades à pecuária, a criação de cavalos da raça Mangalarga Marchador e o Turismo Cultural e Pedagógico, desenvolvidos na Pousada Fazenda Ponte Alta.

FAZENDA SÃO JOÃO DA PROSPERIDADE

FAZENDA SÃO JOÃO DA PROSPERIDADE



A história da Fazenda São João da Prosperidade inicia-se no século XIX a partir de 1820 - 1830, quando o café começa a ser cultivado na região. Através de doação de sesmarias, Antônio Gonçalves de Moraes, o chamado "Capitão Mata Gente", casado com Rosa Luiza Gomes de Moraes, investe na plantação de café. Era também dono da Fazenda Braço Grande (actual Ibitira), que doou a seu filho José Gonçalves de Moraes em 1843, conforme escritura passada no Cartório de Ipiabas.

Em 1843, ainda segundo escrituras, António Gonçalves de Moraes comprou um sítio denominado Barra do Piraí e, em 1853, construiu uma ponte sobre o rio Piraí, dando início ao povoado de São Benedito, origem da cidade de Barra do Piraí. Em 1883, com a inauguração da Estrada de Ferro Santa Isabel do Rio Preto, que saía de Barra do Piraí e ia até mesma, mais tarde denominada Viação Férrea de Sapucaý e posteriormente Rede Mineira de Viação, passou a existir a estação "Prosperidade", que servia para o Rio de Janeiro pela Estrada de Ferro Dom Pedro II. A fazenda fazia limite com a Fazenda Floresta, em Ipiabas, de propriedade da Baronesa do Rio Bonito e com a Fazenda Braço Grande. Austero, longo e simples, são os qualificativos mais apropriados para este casarão de um só pavimento, com 950 m² de área construída, que possui 10 quartos e 5 salões, além de outras dependências, cujas grossas paredes externas são de pedra e as internas de pau-a-pique. Entretanto, a singela arquitectura contrasta, por um lado, com a importância histórica da Fazenda e, por outro, com a autenticidade e conservação do prédio, fruto de louvável e perseverante trabalho dos atuais proprietários. Luiz Geraldo Muniz e Magide. Na frente da casa existe uma construção de pedras que provavelmente, se destinou a abrigo das tropas de mulas, que levavam o café para o Rio de Janeiro.

Com uma área de 40 alqueires e tendo como principais actividades à suino-cultura, a pecuária de leite e de corte e a fabricação de cachaça. A Fazenda oferece visitas

orientadas a grupos de turismo, recebendo grande fluxo de visitantes devido à sua localização, na Estrada Barra do Pirai - Conservatória, assim como ao excelente tour que Magide conduz, contendo informações detalhadas sobre a arquitectura e o modo de vida do século XIX no Vale. Magide e Luís Geraldo pertencem ao Instituto PRESERVALE, participando activamente de nosso Programa de Turismo Cultural.

FAZENDA DA TAQUARA

FAZENDA DA TAQUARA



Quando chegaram de Portugal, o Comendador João Pereira da Silva, em companhia de Joaquim José Pereira de Faro - futuro barão do Rio Bonito - estabeleceram-se nesta região da antiga Província do Rio de Janeiro (atual. Barra do Pirai), nos primeiros decénios do século XIX. Nesta mesma época, o café começou a ser plantado no Vale do Paraíba e o Comendador dedicou-se a cultivar o fruto precioso. Faziam parte das propriedades do Comendador: a fazenda Campo Bom, a fazenda Ipiabas e a fazenda da Nova Prosperidade (Taquara), como aparece no inventário do Comendador, falecido em 1872. O nome Taquara foi dado pelos escravos, devido à abundância de um bambu fino, encontrado na propriedade, que era assim denominado. A sede foi construída, provavelmente na década de 30, em forma de quadrilátero com o jardim interno, sob a influência da arquitectura colonial das Minas Gerais do século XVIII.

A Fazenda da Taquara permanece, ainda hoje, sob o domínio da família do Comendador. Com quase dois séculos de existência, a sede, ainda em perfeito estado de conservação, preserva sua história, com seus móveis, documentos e retratos originais. A fazenda da Taquara é de propriedade de João Carlos Tadeu Botelho Pereira Streva, descendente directo, já na quinta geração do Comendador. Outra característica desta propriedade é ser hoje um centro de produção de café como no século passado, além de desenvolver actividades de granja de frangos e suíno- cultura. O casal João e Ana Maria participa activamente das iniciativas de Turismo Cultural promovidas pelo Instituto PRESERVALE. A visita guiada à Fazenda compreende um excelente tour pela sede e antiga senzala, bem como degustação de quitutes feitos na propriedade. Actualmente a Fazenda oferece, também, almoço típico para grupos agendados com antecedência.

FAZENDA VISTA ALEGRE

FAZENDA VISTA ALEGRE



Francisco Martins Pimentel, açoreano da Ilha de São Miguel, já antes de 1829 estava estabelecido em Valença, nas terras que viriam a integrar a Fazenda Vista Alegre. No final dos anos 40, adquiriu a Fazenda Santa Terezinha (cuja sede original desapareceu) e lá faleceu em 1852. Esta é, provavelmente, a data em que um de seus dez filhos, Joaquim Gomes Pimentel, passou a ocupar a sede da Vista Alegre, imprimindo sua marca na história da Fazenda, e de toda a região, através de notáveis actuações pioneiras no campo das artes, da cultura e do desenvolvimento sócio-econômico. Alçando em 24 de outubro a posição de Alferes, Joaquim Pimentel recebe, em 28 de Fevereiro de 1864, de D. Luís “El Rey” de Portugal, o título de Visconde de Pimentel. No ano seguinte, registra o primeiro mapa de sua propriedade, bem como de seus vizinhos e parentes, abrangendo uma área que ocuparia de São Francisco a Esteves, aprofundando-se pela Serra da Concórdia (antiga Serra de São Manuel) até o lugar aonde existe hoje a Fazenda da Conquista.

Em 16 de Junho de 1869, torna-se Capitão da Guarda Nacional, já então consagrado pelo dinamismo e pela inovação de métodos e tecnologias de produção rural e na vida social da Fazenda Vista Alegre. Célebre em sua época pelo convívio com as artes, o Visconde de Pimentel frequentemente promovia saraus na Fazenda, para onde trazia apresentações memoráveis de artistas e músicos famosos, como por exemplo o pianista Gotshalk, em 21 de Agosto de 1869. O Visconde criou também sua própria banda de música, constituída por 27 escravos libertos. A Banda de Música da Fazenda Vista Alegre costumava apresentar-se em todas as ocasiões festivas da região. Aprendia-se na Fazenda, além de música, as artes teatrais e a religião. A Escola de Ingénuos, como ficou conhecida, foi a primeira no país a alfabetizar filhos de escravos e crianças pobres das redondezas.. A Casa da Música, local onde funcionava a escola, existe ainda, próximo à sede.

As inovações implantadas na Fazenda Vista Alegre motivaram uma histórica visita do Conde D’Eu a Valença, de 16 a 18 de Setembro de 1876, na qual o Conde teve a oportunidade de participar de animados saraus, visitas às instalações das propriedades de Pimentel, cavalgadas e passeios no lago que existia aonde é hoje o Parque de Exposições de Valença, em cuja nascente mineral refrescou-se. Embora tenha atingido fama e grande prestígio em vida, o Visconde de Pimentel faleceu sem ter deixado herdeiros e já com seus bens inteiramente hipotecados à sua irmã, Maria Francisca, viúva do Comendador Manoel Esteves, dono de casa comissária de café. Esta, por sua vez, após retirar todos os bens – móveis, documentos, quadros e objectos -, veio a entregar a Vista Alegre em pagamento de suas próprias dívidas ao

Banco do Brasil, por ocasião da derrocada da economia cafeeira na Velha Província, a partir da Abolição. A Fazenda Vista Alegre é adquirida em leilão pela família do Barão de Oliveira Castro em 1901, juntamente com as vizinhas Chacrinha e Campo Alegre. Em 1912 chegam à Vista Alegre, trazidos pela mão da família Oliveira Castro, os primeiros imigrantes dinamarqueses do Vale, que vieram a fundar, na Fazenda, a primeira indústria de queijos de tecnologia europeia do Estado, os famosos Laticínios Dana. A família Nielssen residiu na Vista Alegre por cerca de trinta anos, tendo desenvolvido e aprimorado queijos de qualidades variadas, até transferirem-se para o sul de Minas, aonde vieram a multiplicar indústrias e marcas de laticínios diversos. A Fazenda Vista Alegre pertence, desde 1980, a Delio e Clair de Mattos Santos, que a adquiriram de Eduardo Soares Sampaio, herdeiro indirecto do Barão de Oliveira Castro. O Dr. Delio Mattos é advogado e empresário, Cônsul Honorário da República de Malta, Fundador e Conselheiro do Instituto Preservale. Sua esposa, Clair de Mattos Santos é escritora e editora, tendo escrito, dentre outras obras de ficção, romance e teatro, o livro “Grãos Vermelhos do Vale”, que narra a saga do café ambientada na Fazenda Vista Alegre.

Após haver desenvolvido também a produção de laticínios, hoje desativada, a Fazenda Vista Alegre dedica-se hoje à criação de gado Canchim, e às atividades de Turismo Cultural. Participando do programa de Visitação Orientada do Instituto PRESERVALE, destinado a promover o conhecimento e a pesquisa dos Patrimônios Históricos e Culturais do Vale do Paraíba, a Vista Alegre mantém a tradição de um importante legado histórico, oferecendo a todos os que a visitam um pedaço da memória nacional.

FAZENDA SANTO ANTÓNIO DO PAIOL

FAZENDA SANTO ANTÔNIO DO PAIOL



A Fazenda Santo António foi aberta em terras da sesmaria concedida em 1814, por provisão a João Soares Pinho, que já se havia estabelecido nesta fazenda desde 1807, quando estas ainda eram consideradas “terras devolutas”. Alguns anos depois, foram adquiridas por Francisco Martins Pimentel, que já estaria estabelecido na vizinha sesmaria de Santa Teresa. Em 1850, casava-se, no oratório de Santa Teresa, com Francisca, a filha de Pimentel, Manoel António Esteves, recebendo como dote a fazenda Santo António do Paiol. Seria a segunda e a mais próspera fase daquele estabelecimento cafeeiro. Logo após o casamento, morre o sogro e Esteves, com a fortuna aumentada, manda construir nova sede, em frente à pioneira Santa Teresa. Terminada em 1852, a casa foi dotada com todos os requisitos exigidos de uma fazenda de café do ciclo.

Desenvolvendo profícua actividade, Esteves ampliou os cafezais, adquirindo ou abrindo novas fazendas, tais como São Manuel, Ribeirão, Santa Catarina, São Francisco, Nazaré

e Boa Vista. Nelas chegou a ter mais de seiscentos escravos. Eliminando intermediários, ele mesmo negociava a produção, operando no Rio de Janeiro e em Santos com a firma exportadora Esteves & Filhos. Se já era grande fazendeiro, tornar-se-ia grande comissário de café. Como uma das mais proeminentes figuras do vale, Esteves se empenhou nas gestões que viabilizaram a construção da Estrada de Ferro União Valenciana, com evidentes benefícios para a economia local. Da estrada de ferro seria o primeiro presidente, e por seu trabalho receberia do governo imperial a comenda da Ordem da Rosa. Manoel Antônio Esteves morreu em sua casa do Rio de Janeiro em 1879, no auge de seu prestígio e da fortuna que legou aos filhos. Sucede-lhe na administração dos negócios o filho Francisco Martins Esteves, pessoa de cultura e saber, de hábitos refinados, amante da música clássica e da ópera. Residiu em Paris por algum tempo, ao se casar com Ana Carolina, filha do conselheiro e ministro do Império, Zacarias de Góes e Vasconcelos. Retornando ao Brasil, trabalhou na comissaria e na fazenda Santo Antônio, sem demonstrar gosto ou inclinação para o mundo dos negócios. Administrando a fazenda como lhe era possível e já enfrentando os contratemplos que sucederam a derrocada do ciclo, Francisco adquire partes dos demais herdeiros e fixa-se definitivamente em Paiol, que passou a gerir juntamente com o filho, Marcos Zacarias Manoel Esteves, depois seu sucessor na fazenda em franca decadência. Em meio às maiores dificuldades, os Esteves se desfazem de parte das terras, com a finalidade de assegurar a manutenção das benfeitorias. Marcos morreria precocemente em 1941, e sua viúva desde então desenvolveu esforço que deve ser enaltecido. Com a fazenda praticamente desactivada, sem renda e com o património em terras sensivelmente reduzido, Francisca Olympia Alves de Queiroz Esteves lutou determinadamente para preservar como pôde todo o acervo móvel e imóvel de Santo Antônio. Assumindo uma ligação afectiva com a memória da fazenda, do marido e da saga dos Esteves, empenhou-se com denodo para manter vivo tudo que dissesse respeito a Marcos e aos Esteves. Assim chega até o ano de 1969, quando, idosa, não mais podendo prosseguir em seu propósito, e nem mesmo se manter na fazenda, toma a deliberação de doá-la a uma entidade religiosa, a Congregação da Pequena Obra da Divina Providência (Don Orione), como último recurso para manter a propriedade e os pertences dos Esteves. No ano de 1990, a Fazenda Santo Antônio do Paiol foi arrendada por Rogério Vianna, empresário carioca que, juntamente com sua esposa Maria Alice, empreendeu uma grande reforma na sede, já então desgastada pelo tempo. Nesta empreitada, foram recuperados a sede, o mobiliário e, especialmente, foi organizado o acervo documental da Fazenda, magnífico legado preservado pela família Esteves que, não obstante, havia permanecido inacessível aos olhos de pesquisadores e interessados. Sócio Fundador do Instituto PRESERVALE, Rogério restituiu à Fazenda Santo Antonio do Paiol a sua dignidade e importância histórica, bem como resgatou, em meio aos documentos encontrados em Esteves, informações de enorme valor histórico, que estão sendo hoje pesquisados e catalogados a partir de projecto do Instituto PRESERVALE. A Fazenda voltou às mãos da Ordem Dom Orione no ano de 2000, e está retomando, com o PRESERVALE, as actividades de Turismo Cultural iniciadas por Rogério e Maria Alice Vianna.

FAZENDA PAU D'ALHO

FAZENDA PAU D'ALHO



A fazenda do Pau D'Alho teve origem nas terras da sesmaria concedida a Joaquim Marques da Silva e sua mulher D. Faustina Angélica de Moura, denominada Cachoeira de Santa Rosa. Sua excelente localização geográfica, nas proximidades da Aldeia de Valença, facilitou sua abertura ainda em princípios do século XIX, sendo assim uma das pioneiras na zona da recém fundada Aldeia.

Marques da Silva, que havia se estabelecido na Fazenda de Santa Rosa, teve muitos filhos que, após constituírem família, estabeleceram-se na sesmaria, dando origem a outras pequenas propriedades como Pau D'Alho. Após o falecimento de Joaquim Marques da Silva, a viúva e os filhos dividem as terras, vendendo parte delas. Em 1835, a viuva D. Faustina, vende parte das terras da Fazenda Pau D'Alho ao comendador José da Silveira Vargas. Silveira Vargas foi Comendador da Ordem da Rosa e seria em 1826 o primeiro presidente da Câmara Municipal de Valença e um dos maiores animadores de seu progresso. Vargas inaugurou em Valença um período de importantes realizações, sendo responsável pelo primeiro passo em prol da instauração do ensino primário na vila, da fundação da Santa Casa de Misericórdia e da construção da matriz de N. Senhora da Glória. Foi também pioneiro na vacinação antivariólica e na preservação do meio ambiente valenciano, combatendo ecologicamente as pragas que atacavam a lavoura de café.

Embora tenha feito de sua Pau D'Alho um importante empreendimento agrícola, em cuja propriedade trabalhavam cerca de 170 escravos, Vargas não se dedicou com afinco às actividades da lavoura cafeeira. Era político e capitalista, sendo na época um dos maiores accionistas do Banco do Brasil. Ao morrer em 1861, deixou um capital acumulado em 1, 016 : 494 # 974 contos de Réis.

Após a morte de Vargas a fazenda ficou em poder da viúva D. Maria Joaquina da Silveira e os seis filhos do extinto casal: D. Bárbara, D. Carolina, D. Placidina, Custódio, Antônio e Alexandre, cuja administração da fazenda a este último caberia. Em 1866, falece D. Maria Joaquina, e Pau D'Alho fica em poder dos filhos Carolina, Placidina, Custódio e Alexandre. Na época contando com uma área de 562 e meia braça, por 1 500 de fundos em terras, Pau D'Alho era um verdadeiro celeiro para Valença. Produzia além de café, muito milho, arroz, mandioca, feijão, carne de porco, além de madeira para construção, lã de carneiro e algodão.

Em fins do século XIX, o café encontrava-se em profunda decadência em todo Vale do Paraíba. Muitas fazendas estavam hipotecadas aos bancos nesta época e, com a Abolição da Escravatura em 1888, a situação ainda mais se agravava. O mesmo ocorria em Pau D'Alho. Luís Damasceno Ferreira, filho de D. Placidina e do comendador João Damasceno Ferreira, nesta época estudava medicina no Rio de Janeiro. Abandonou o curso e veio para Valença administrar a fazenda dos pais e tios, que encontrava-se com

sua economia abalada. Damasceno, ilustre autor da “História de Valença”, dirigiu a fazenda até 1897 quando foi vendida ao comerciante italiano Vito Pentagna, que já era proprietário nesta ocasião da vizinha Fazenda Santa Rosa.

Nicolau, Caetano e Vito Pentagna eram filhos de Saverio Pentagna e Giuseppina Sorrentino, oriundos da vila de Scário, província de Salerno - Itália. Como tantos outros italianos, fugia do crescente empobrecimento do sul do país, buscando as glórias prometidas pelo café do outro lado do Atlântico. Nicolao foi o primeiro a chegar no Brasil em 1863.

Em 1878, Nicolao transfere-se para Valença, onde tornou-se sócio do português Manuel Pereira Sampaio na casa comercial “Pentagna & Sampaio”, constituindo uma das maiores da região. Logo depois chegaram em Valença os outros irmãos Vito e Caetano. Vito trabalhou como tropeiro entre o sul de Minas e Valença. Não tardou e entrou para sócio da firma “Pentagna & Sampaio” e seu nome não demorou a ser sinónimo de líder comercial. Em seguida, torna-se proprietário da Fazenda de Santa Rosa.

Dotado de tino industrial, aproveitou o represamento do Rio das Flores em sua Fazenda Pau D’Alho, iniciando em 10 de março de 1912 a construção de uma usina hidrelétrica para proporcionar a concretização de seu velho sonho de instalar mais uma indústria em Valença. Logo após, em 07 de setembro de 1913, era fundada a Cia. Fiação Tecidos Santa Rosa.

Faltando pouco para ver definitivamente concluído seu maior empreendimento, falecia Vito Pentagna vítima de um infarto.

Após a morte de Vito em 1914, a fazenda passou às mãos da viuva Urbana de Castro Pentagna. Esta legou por sua morte, em 1940, ao filho Dr. Savério Pentagna, advogado, industrial e político.

Dr. Savério esteve sempre dinâmico à frente da direção da fábrica Santa Rosa, enfrentando momentos difíceis, que só puderam ser contornados por sua grande habilidade. Com a saúde abalada, em 1953 coordenou a venda do controle acionário da Companhia para seu cunhado Dr. Júlio Mourão Guimarães. Pouco tempo depois veio a falecer.

O actual proprietário é o Humberto Vito Ribecco Pentagna, único filho varão do Dr. Savério, que desde cedo dedicou grande interesse pela fazenda, colocando-se logo que a idade o permitiu, à frente de sua administração. Para assisti-la de forma mais completa, buscou formação profissional adequada, tornando-se engenheiro agrônomo. Em plena actividade, Humberto já tem sua continuidade assegurada em seu filho Savério Vito Pentagna, 4º geração da família na fazenda, um fato raro nos dias atuais.

A principal actividade económica da Fazenda Pau D’Alho sempre foi o café, que aos milhares de pés, cobria seu vasto solo, abarrotando de grãos as grandes tulhas. A libertação dos escravos e a consequente decadência da lavoura cafeeira em todo o estado transformaram, como na maioria das fazendas da região, seus cafezais em pasto para o gado. Nos anos 60 voltou-se ao plantio original do café.

Em suas terras, além dos pastos para o gado bovino, há plantações de milho e feijão e uma grande variedade de árvores frutíferas. Encontramos também belas quedas d’água, sendo digna de nota por seu valor histórico e magnificência, a Usina Hidrelétrica Vito Pentagna, cuja barragem, que represa o Rio das Flores, foi inaugurada em 1943, em substituição a uma antiga existente. Responsável pelo fornecimento de energia da Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa, esta usina atendeu também a particulares em Valença. Com uma localização privilegiada, em meio a um cenário de grande beleza natural, inspirou uma justa homenagem da internacionalmente famosa Rosinha de Valença, que compôs “Usina de Prata”, interpretada pelo cantor Ney Matogrosso.

Sócios Fundadores do Instituto PRESERVALE, Humberto e sua esposa, Aparecida Pentagna, recebem grupos de Turismo Cultural em visita orientada pela propriedade, recentemente restaurada pela família.

FAZENDA UNIÃO

FAZENDA UNIÃO



A sede da Fazenda União é um exemplar de propriedade rural do ciclo cafeeiro. Na opulência do meio produtivo rural, As casas tinham um porte avantajado, dotadas de importância arquitetónica e muitos cômodos, de volume e imponência maior do que se imagina para uma residência apenas familiar. Podemos encontrar outras casas grandes do género ao longo do Vale do Paraíba, apontando claramente para uma certa tendência à excentricidade e por vezes até ao exibicionismo dos então, Barões do Café. A história da Fazenda União inicia-se em 1802, quando José do Amaral obteve por concessão a Sesmaria do Paraíso. Ficando durante onze anos sem condições para explorar as terras, resolve vendê-las para João Pereira Nunes em 1813, que também não produziu, não beneficiou nem plantou nada em seus campos.

Em 1814, o Capitão Bernardo Vieira e sua esposa Dona Escolástica Maria de Jesus , compraram estas terras sem produção alguma e inexploradas, o casal então deu o nome de Fazenda do Paraíso à propriedade recém adquirida.

Com o falecimento do Capitão Bernardo Vieira em 1838, as terras da Sesmaria foram divididas em sete partes , dando origem às Fazendas União , Esperança, Sapucaia, São Luis, São Policarpo, Divisa e Sossego. Desta partilha de bens entre herdeiros, coube a José Vieira Machado e sua esposa Dona Lina Laudegária Vieira e Souza as terras em que atualmente se encontra a Fazenda União. Em 05 de Setembro de 1853 a propriedade foi vendida para Antônio Pereira da Fonseca Júnior

Que adquire também a Fazenda Esperança. O novo proprietário recebe a escritura com o nome de Saudades do Rio.

Em 18 de Setembro de 1859, a Fazenda retoma o seu antigo nome de União, através do Barão e , mais tarde , de Visconde do Rio Preto, sendo esse o seu mais próspero e ilustre proprietário. Por causa de sua localização privilegiada, situada ao longo do caminho para as Minas Gerais, a fazenda tornou-se passagem e pousa obrigatório para viajantes, impondo-se como uma das mais concorridas, da então recém fundada, freguesia de Santa Teresa d Valença. Filho do Visconde do Rio Preto, o Barão Domingos Custódio Guimarães Filho, recebe em 1867 a Fazenda União como dote de casamento, tornando-se proprietário, juntamente com Dona Maria Balbina de Araújo, sua esposa Posteriormente, em 1873, o médico Camilo Bernardino Fraga e sua esposa Dona Luíza

Vieira da Cunha Fraga, tornaram-se seus proprietários. A abolição da Escravatura em 1888, acelerou o processo de decadência do ciclo e das fazendas de café. Em 1901, a agora viúva Dona Luíza, enfrentando graves dificuldades financeiras, vê-se obrigada a hipotecar a fazenda à João Alves Montes.

Em meados do ano de 1918, o Senhor Melchiades Augusto de Mourão Matos, que havia sido padre e abandonou o celibato para desposar Dona Olga Morgante Ferreira, compra a propriedade. Vendendo-a quatro anos mais tarde, em 1922, para José Rodrigues de Almeida e sua esposa Dona Prudência. O casal resolve então mudar a actividade produtiva da fazenda para a criação do gado leiteiro, que em todo o Vale do Paraíba, tornara-se a actividade económica principal. A Fazenda União permaneceu com os herdeiros de José Rodrigues de Almeida até 1972, quando foi vendida para Vicente Crispin de Oliveira e Dona Filomena Faria de Oliveira. Adquirida por João Manoel dos Reis Filho em 1992, o prédio centenário foi revitalizado e orientado a atender aos requisitos do conforto moderno, foram recuperados o telhado, as paredes de pau a pique, os pisos e toda estrutura em madeira e até os seus porões.

O entorno da imponente sede recebeu um elaborado cuidado paisagístico, onde se procurou preservar as árvores centenárias e as preferências botânicas do requintado período colonial. O mobiliário foi então acrescido de preciosas peças de época, recuperadas e adquiridas em leilões, antiquários e incansáveis inserções pela região do vale . Em um trabalho feito ao longo dos anos, todo o seu interior recebeu tratamento arquitectónico e artístico compatível à época colonial. Mais tarde, João Manoel casa-se com Dona Rosalina Monteiro dos Reis e, no sentido de preservar e divulgar o estilo de vida e os costumes do nosso período colonial, sobretudo durante o ciclo do café no Vale do Rio Paraíba , o casal vem preservando as tradições, e para oferecer a hospitalidade e o provincianismo daquela época, transformaram a Fazenda União em um espaço de cultura e lazer.

FAZENDA CACHOEIRA GRANDE

FAZENDA CACHOEIRA GRANDE



De todas as famílias que povoaram o Vale do Paraíba durante o efêmero ciclo do café, nenhuma teve tanta projecção social quanto os Teixeira Leite. Entre estes, destaca-se a figura ímpar de Custódio Ferreira Leite - O Barão de Aiuruoca, cuja acção projectou-se em várias regiões cafeeiras do Vale. Além de ter proporcionado obras assistências como abertura de estradas, construção de pontes, igrejas e hospitais, a este é atribuído a

propagação do café no Vale do Paraíba. Oriundo de São João D'El Rei, filho de abastados senhores de minas de ouro, o Barão de Aiuruoca imigrou para o Vale do Paraíba em princípios do século XIX, trazendo consigo inúmeros parentes. Entre estes, o sobrinho Francisco José Teixeira Leite, filho de sua irmã Dona Bernardina - a Baronesa de Itambé.

Francisco José, com apenas 16 anos de idade, havia sido contratado para a construção da Estrada da Polícia em 1820, na qual a cidade de Vassouras foi fundada. Em 1830, casa-se com a prima, Dona Maria Esméria Teixeira Leite, recebendo como dote, parte das terras que viriam a integrar a Fazenda da Cachoeira. Desde então, dá início às actividades de abertura da fazenda, onde planta as primeiras mudas da rubiácea em substituição às extensas florestas que outrora revestiam seus morros. Com as madeiras extraídas desta derrubada, constrói a casa de morada, senzalas, engenhos, entre outros... Paralelamente, dedica-se à negociação de capitais e às causas sociais na vizinha Vassouras. Sendo um de seus fundadores, adquire nesta um elegante palacete, onde passa maior parte de seu tempo, podendo assim, melhor dedicar-se ao desenvolvimento social e económico da cidade. Tal dedicação colabora para que a cidade torne-se o mais importante centro cafeeiro durante o segundo Império. Neste período, Cachoeira é mais usada como residência que empreendimento agrícola.

Em 1871, Francisco José chega ao ápice de sua projecção social e é agraciado pelo Imperador D. Pedro II, com o título de Barão de Vassouras. Treze anos depois, falece aos 80 anos de idade, deixando uma fortuna aos 11 filhos que teve do primeiro e segundo matrimónios, este último com Dona Alexandrina Teixeira Leite. Mesmo com a plena decadência da produção cafeeira, Cachoeira ainda vive dias de pompa que desfruta desde a fase mais rica do ciclo. Em 1884, meses após o falecimento do fundador de Cachoeira, os herdeiros deste ofereceram um jantar requintado ao casal Princesa Isabel e Conde D'Eu, além de outros ilustres convidados como os barões de Santa Mônica e Visconde de Ibituruna. Este talvez tenha sido o último festim de uma era de riquezas.

No século XX, Cachoeira já não mais pertencia à nobre família Teixeira Leite. Na década de 40 é adquirida por Mário Mondovo, italiano de origem judaica que emigrou para o Brasil afim de exilar-se da perseguição nazista que assolava a Europa durante a 2a. Grande Guerra. Cachoeira prosperou e dedicou-se a diversas actividades agrícolas mas, somente com a pecuária leiteira é que a fazenda se firmaria. Neste final de século, mais precisamente em 1987, Mondovo vende a Fazenda da Cachoeira ao empresário Francesco Vergara Caffarelli. Com o novo proprietário, a Casa da Cachoeira, após longos anos de abandono e quase em ruínas, passa por um processo de restauração. Caffarelli, italiano oriundo de Roma, foi grande amante das artes. Ajudado por sua esposa, Núbia Vieira Monteiro Caffarelli, dedicou-se com afinco aos trabalhos de restauração do casarão, que consumiram quatro anos e teve projecto assinado pelo arquitecto Eloy de Mello.

Com sua área original bastante reduzida, Cachoeira dedica-se hoje às actividades pecuárias e às do turismo cultural. Núbia e sua cunhada Madalena participam do Instituto PRESERVALE, contribuindo assim, para uma consciência preservacionista.